

Caro Willys,

Aqui vão algumas anotações à margem do "canto santo" que me parece ser o seu melhor momento poético. Eu pediria a você que tomasse essas notas não por sua validade crítica, mas como o sinal da receptividade atenta que marcou minha convivência com o seu poema. Neste, a emoção - sempre controlada - conduz o fluxo sensível do rio das palavras. A pesquisa formal não castiga a respiração espontânea do poema em seu todo (penso intenso o lento momento e mentalmente misturo o místico salmo ao calmo canto santo). A insistência do en (penso, intenso, lento, momento, mentalmente), sublinhando uma atmosfera velada e interior leva irresistivelmente à maré daquele "calmo canto santo". A passagem do en para o an marca a abertura do poema para a sua expressão plástica, visível. Depois deste abandono inicial à emoção, vem a exigência de um rigor manifesto naquele quase estridente "proíbo, iníbo", ordenados aos "sensos tensos" que "recusam receiam valer-me". E o poema se espraia naquelas palavras atiradas à speramente (embora agora sôa são firme afirmo) que contrasta com o refluxo interior da memória expresso naquele "longe no longo muro escuro", onde se projeta magicamente a imagem da "infanta defunta", não como presença, mas como ausência, pois ela jamais "os pés pôs" mesmo na côr pálida de um mural antigo.

Voltando a página encontra-se o golpe daquele "só", insulado no canto da página. Depois abre-se o espaço da "sala vasta" e, da porta, é vista "a morta princesa", "a sarça mole molhando seu sêr". A sugestão que abarca a gêna tão visual quanto interna é belíssima. O poema não se introverte naquele "à alma algo são sem jaça já morre e sorri enfêrma informe", para logo se verter na imagem massiça do catre e sôbre êle a evocação suicida de "uma una fôrca". Em abaixo da página, à direita, o golpe sêco e irrisório das três palavras que negam a visao espectral do passado:

"farsa certa curta". O poema se extroverte na busca de uma determinação correspondente do espaço exterior (fora cora a noite no açoite do chicote forte do vento quente), até que anuncia a "madrugada refugada". O fio tenso da emoção quase se rompe naquele gaguejado "diga lhe que é que lhe diga" e o poeta "o louro louco" foge para o pudor do "parquearque-incerto". E o canto chega ao fim, impresso em prêto no jazigo do papel branco e mais branco do que o branco e a cal da "cálida calma".

Sabe, Willys, acho que um poema assim faz um poeta. Eu diria a você que trabalhasse nessa direção, sem se deixar fascinar demasiadamente pela tecno-poesia. Gostei de outros poemas seus, mas não tenho a perspectiva necessária para analisá-los. ~~Imagino que ainda não li a entrevista do Haroldo Campos que saiu na "diálogo". Os jogos puros da inteligência não me tocam de perto.~~

Dora

8-7-57